

# A Desigualdade Social no Território do Rio de Janeiro

Ana Clara de Almeida Silva e Guilherme Santos

## RESUMO

Este trabalho foi elaborado em equipe por alunos do primeiro período de Economia durante a disciplina de Introdução à Extensão Universitária. O objetivo original do trabalho foi apresentar uma proposta de ação de extensão. Para a elaboração dessa proposta, o tema escolhido foi “A desigualdade social no território do Rio de Janeiro”. Para uma melhor compreensão da problemática das diferenças socioeconômicas que existem na cidade, dois bairros foram escolhidos como objeto de investigação para a submissão deste artigo: a Rocinha e a Gávea. Ainda que ambos sejam localizados na Zona Sul - considerada região nobre do Rio de Janeiro -, esse fato não garantiu condições igualitárias em relação à indicadores socioeconômicos e acesso aos equipamentos urbanos (saúde, educação, lazer, etc.). O objetivo da pesquisa foi compreender a origem da desigualdade e o porquê de sua manutenção até os dias atuais. Portanto, para encontrar respostas para esse óbice social e propor ações de políticas públicas, foram aplicadas entrevistas a cidadãos moradores e foi considerado o histórico de ocupação destes territórios. Os principais resultados apurados foram que a desigualdade social e a sua perpetuação ocorrem pela falta da presença do Estado nos bairros ocupados por trabalhadores de baixa qualificação e/ou desempregados, apesar de esses habitantes serem cruciais para o funcionamento, como um todo, da cidade.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa feita por alunos do 1º período do curso de Ciências Econômicas visando investigar a desigualdade social entre bairros do município de Rio de Janeiro. Contando inicialmente com uma equipe de cinco alunos, foram selecionados seis bairros/comunidades vizinhas, organizados em pares onde fossem flagrantes as diferenças econômicas e sociais. Os bairros/comunidades escolhidos foram: Gávea/Rocinha; Jardim Guanabara e Morro do Dendê (ambos na Ilha do Governador); e Barra da Tijuca/Cidade de Deus.

Para cada par de Bairro/Comunidade, foram levantados dados secundários sobre tamanho da população e número de domicílios (Censo IBGE 2022), indicadores de desenvolvimento da educação básica (IDEB, 2021) e dados de rendimento médio mensal familiar por faixas de renda (Censo IBGE, 2010). Além dos dados secundários, foram feitas visitas de campo aos seis territórios escolhidos para coletar informações primárias por meio de um roteiro de entrevistas aplicado a dois moradores de cada bairro/comunidade, totalizando doze entrevistas realizadas.

Por motivos de espaço e para atender às regras de submissão de trabalhos, limitaremos este artigo às conclusões que obtivemos para os bairros da Gávea e da Rocinha, conclusões estas que podem ser estendidas aos outros quatro territórios em termos das dualidades encontradas em uma “cidade partida” (ZUENIR VENTURA, 1994). A hipótese do trabalho é que esta dualidade foi construída ao logo do tempo, e que jamais foi superada pela ausência de políticas públicas capazes de efetivamente integrar estes territórios. Mostraremos o desenvolvimento de nossa pesquisa estruturando este texto em duas outras seções, além desta Introdução e das Conclusões finais.

Na segunda seção, mostraremos como se deu a ocupação histórica dos bairros da Gávea e da Rocinha, mostrando também como estes dois territórios foram tratados de forma desigual em termos de planejamento urbano e instalação de equipamentos públicos (seção 2.1). Na terceira seção, relataremos a nossa pesquisa e os principais dados nela coletados, fazendo um paralelo com os conceitos de “espaços luminosos” e “espaços opacos” (SANTOS & SILVEIRA, 2001) e demarcando a formação histórica de constituição destes territórios como o resultado de um processo de construção e invenção social (COSTA, 2024).

Por fim, atendendo à problemática que nos foi colocada pela disciplina, proporemos ações de políticas públicas que atendem às demandas da população local e dos territórios assim constituídos.

## 2. Breve histórico da ocupação da Gávea e Rocinha

A Gávea, considerada um bairro nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro, surgiu em meados do século XVI, sendo um dos bairros de origem mais remota da cidade de acordo com a sua ocupação inicial, que se deu na zona portuária. Além disso, foi o primeiro governador a sancionar o nome Gávea em documento oficial de concessão de sesmarias, garantindo a sua ocupação por famílias portuguesas (COLEÇÃO BAIROS DO RIO, 2019).

A origem da Gávea está relacionada com a atividade econômica desenvol-

vida na região. Por meio da instalação de engenhos, desenvolveu-se a pastagem e o cultivo de lavouras, e posteriormente iniciou-se a plantação de cana-de-açúcar. Entretanto, a Gávea não se manteve nessa atividade econômica, mas acompanhou alguns dos ciclos econômicos do Brasil, visto que no século XIX grandes fazendas desenvolveram a cultura de café. No ano de 1884 houve a instalação de fábricas de tecidos na região. A primeira delas se chamava Carioca; na década de 1930, houve um zoneamento da cidade e excluiu a área industrial da Zona Sul (COLEÇÃO BAIROS DO RIO, 2019).

A origem da Rocinha ocorreu em um período mais tardio e teve desdobramentos diferentes do bairro que faz limite com seu território, a Gávea. Atualmente uma das maiores comunidades do país, surgiu na segunda metade do século XX, a partir da fazenda de Quebra-Cangalha, cujos donos eram os irmãos Castro Guidão. Originalmente, a área tinha características majoritariamente rurais. Na década de 1930, com a construção da Estrada da Gávea e a instalação de energia elétrica, os proprietários da terra tiveram um projeto de ocupação de terras e colocaram à venda lotes da região; todavia, no final da década de 1930 a companhia dos irmãos faliu, fazendo com que a população ocupasse o território de maneira desordenada, pois acreditavam que as terras não tinham donos. (Disponível em: <https://www.falaroca.com/mapa/historia-da-rocinha>. Acesso em: 15 jun, 2024.)

Diferentemente do histórico da Gávea de grandes mudanças de atividades econômicas, a Rocinha, no início do século XX, possuía cultivo de frutas e hortaliças, realizadas pelos próprios moradores e muitas vezes vendidas no Largo das Três Vendas (atual Praça Santos Dummont, na Gávea). A Rocinha expandiu-se na década de 1950 com a chegada de população nordestina em busca de melhores condições de vida e emprego. Entre a década de 1960 e 1970, houve uma segunda expansão, devido à oferta de emprego a partir da construção dos Túneis Rebouças e Dois Irmãos. Isso fez com que a população da Rocinha fosse predominantemente de origem nordestina, mineira e do interior do Estado. (Disponível em: <https://www.falaroca.com/mapa/historia-da-rocinha>. Acesso em: 15 jun, 2024.)

## 2.1 O planejamento urbano e a ação do Estado nestes territórios

O planejamento e a infraestrutura são responsabilidade do Estado, porém os níveis de investimento dos bairros que fazem limites entre si são muito desiguais. Desde a década de 1920 até os dias atuais, a Gávea passou por grandes obras infraestruturais, como o aterro que deu lugar à Av. Epitácio Pessoa, o Jo-

ckey Club, a Pontifícia Universidade Católica (PUC), construída pelos Jesuítas, o Túnel Dois Irmãos e o Planetário da Cidade do Rio de Janeiro (COLEÇÃO BAIROS DO RIO, 2019).

Já a Rocinha, desde a sua formação, sempre sofreu com a falta de acesso ao saneamento básico e às atividades de lazer. Por isso, os investimentos feitos na Rocinha sempre ocorreram devido às reivindicações dos moradores, como é o caso do CMS Dr. Albert Sabin (Disponível em: <https://rocinha.oticsrio.com.br/2022/03/17/40o-aniversario-de-inauguracao-do-cms-dr-albert-sabin/>. Acesso em: 15 jun, 2024.) Além disso, durante o Governo Lula em 2003, o Ministro da Cultura Gilberto Gil inaugurou a Casa da Cultura, em uma das primeiras casas da Rocinha. (TV ROC, 2003) Em 2010, a passarela da Rocinha, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, foi inaugurada e fazia parte da primeira fase do Processo de Aceleração do Crescimento (PAC) (Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/06/passarela-feita-por-niemeyer-para-rocinha-e-inaugurada.html>. Acesso em: 15 jun, 2024.).

### 3. Caracterização dos territórios e coleta de informações na pesquisa de campo

A Gávea e a Rocinha apresentam contrastes marcantes quando observados através de dados quantitativos. A Gávea possui uma população de 14.176 pessoas distribuídas em 7.502 domicílios, enquanto a Rocinha possui uma população significativamente maior, com 70.894 habitantes em 32.330 domicílios (Censo 2022; *apud* DATA.RIO). Essas diferenças também se refletem na área educacional, como demonstra o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), um indicador criado pelo Governo Federal que mede a qualidade do ensino nas escolas do Brasil, tendo o Rio de Janeiro, no ano de 2021, a média de 5,4 em anos finais acadêmicos. No mesmo ano, a Gávea superou essa média e apresentou 5,6. A Rocinha ficou abaixo da média com 5,2 (IDEB, 2021).

Além disso, esse óbice é evidente ao analisar a renda domiciliar per capita: na Gávea, o quinto mais pobre apresentou a renda domiciliar de 513,12 reais e o quinto mais rico possuía a renda de 28.188,45 reais (CENSO 2010; *apud* DATA.RIO). Já na Rocinha a renda per capita do quinto mais pobre era de 50,14 reais e o quinto mais rico era de 1.337,76 reais (CENSO 2010; *apud* DATA.RIO).

Para uma melhor compreensão das disparidades dos bairros vizinhos foram realizadas entrevistas com os cidadãos moradores. Conforme foi explicado na Introdução deste trabalho, foram entrevistados dois moradores da

Gávea e dois da Rocinha. Sabendo que este número de entrevistados não tem representatividade estatística (não foi feito um desenho amostral da população), queremos realçar aqui que o nosso objetivo foi coletar informações e falas do cotidiano destas populações, que pudessem confirmar a nossa hipótese da dualidade entre os territórios vizinhos.

Neste trabalho relataremos apenas as respostas coletadas junto a um morador da Gávea (Morador 1) e uma moradora da Rocinha (Moradora 2). Quando perguntado ao morador da Gávea o que mais o agradava e o desagradava em seu bairro, ele respondeu:

- “O que me agrada muito no local onde eu moro, é a acessibilidade que tenho a diversos tipos de comércio. E o que mais me incomoda no meu bairro é o poder aquisitivo necessário para que se tenha uma vida confortável”. (Morador 1 - Gávea, entrevistado no dia 27 de maio de 2024)

A mesma pergunta foi feita à moradora da Rocinha, que respondeu da seguinte forma:

- “O que mais me agrada é que na Rocinha tem sempre muitas atividades, não é muito fácil de encontrar, difícil ter vagas, mas se tiver sorte você consegue uma “vaguinha”. Tipo, cursos, atividades, como futebol. O que eu menos gosto, no geral é a bagunça, a falta de respeito, a falta de organização. Lógico que tem a situação do saneamento básico. Mas além disso, ainda tem a parte da infraestrutura no geral, de organização, por exemplo, nos eventos que acontecem, falta organização, acho que isso “deixa a desejar” para os moradores.” (Moradora 2 - Rocinha, entrevistada no dia 22 de maio de 2024)

Além disso, os entrevistados também foram questionados sobre como eles definiriam a desigualdade social. O morador da Gávea respondeu da seguinte forma: “A desigualdade social, em minha opinião, se dá pela diferença de acesso às oportunidades de crescimento profissional entre determinadas classes sociais, de forma resumida” (Morador 1). A moradora da Rocinha foi mais pessoal e definiu a desigualdade explicitando o seu cotidiano:

- “Isso são coisas que eu evito pensar, né? Sabe quando você só segue o “fluxo” e pensa “beleza, isso não dá para mim”, mas é difícil quando você vê certas pessoas em situações que você fala: “Poxa, eu deveria estar “ai”, porque o fulano está e eu não estou”. Então, tipo é difícil, mas acaba que em certas situações a gente só vai seguindo o “fluxo” e acaba aceitando menos do que a gente deveria”. (Moradora 2)

Durante a entrevista, também foi levado em consideração a percepção dos cidadãos em relação aos grupos mais afetados. Por isso, eles foram questionados se acreditavam na existência de grupos mais impactados pela desigualdade social e as respostas obtidas foram: “sim atrelado ao fato do preconceito



enraizado na sociedade, os membros de comunidades” (Morador 1 - Gávea). No entanto, a moradora da Rocinha destacou a desigualdade social dentro da própria comunidade:

- “Sim, os que moram nas áreas mais pobres da Rocinha. Porque a Rocinha é dividida em partes, tem a parte “nobre” e a parte mais necessitada, que fica localizada perto da pedra, como na Roupa Suja e Valão. Nessa região, ainda tem pessoas com casas de madeira”. (Moradora 2 - Rocinha).

O trabalho desenvolvido é corroborado pelo estudo do Geógrafo Milton Santos e Maria Laura da Silveira (2001) sobre o território brasileiro:

“Uma geografia que se propõe ativa não pode considerar o espaço geográfico apenas como território, mas território usado pelos seus habitantes. O território é resultado do processo histórico e a base material e social das novas ações humanas.” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 264)

Logo, as diferenças entre a Rocinha e a Gávea não só se mantiveram desde a origem desses bairros, mas se aprofundaram com o passar do tempo.

Essas disparidades não são vistas pelos moradores da Rocinha como algo normal nem tampouco são aceitas passivamente. Estes moradores reivindicam os seus direitos desde a origem da comunidade até os dias atuais. De acordo com a historiadora Mariana Costa (2024), a comunidade da Rocinha teve o seu processo de formação a partir da atuação e reivindicação dos próprios indivíduos/trabalhadores que lá moravam:

A partir dos interesses desses próprios indivíduos, e não dos empresários da companhia, que aquela comunidade ganhava forma, congregando trabalhadores oriundos de vários pontos da região e até mesmo da cidade. É o que mostrava a reclamação de um morador da Rocinha (...) que numa carta endereçada a uma folha vespertina carioca em 1932 reclamava da atuação das autoridades públicas em relação à questão sanitária na localidade. (COSTA, 2024, p. 20).

A ausência do Estado nessa região está diretamente associada com o fato da população da Rocinha ser predominantemente de trabalhadores e operários. Ainda que a comunidade seja localizada entre bairros que se valorizavam e continuam se valorizando rapidamente, como a Gávea, isso não garantiu a presença dos Órgãos Públicos na região. Por isso, os moradores da comunidade, ao longo do tempo, tiveram que lutar pelos seus direitos para tentar diminuir as disparidades entre bairros vizinhos.

Milton Santos e Maria Laura da Silveira (2001) dissertaram sobre essas diferenças territoriais presentes na sociedade brasileira. Os autores desenvolveram os conceitos de “Espaços Luminosos” e “Espaços Opacos”. Evidenciando os Espaços Luminosos como aqueles bem servidos pelas redes informacionais,

telecomunicações, transporte, infraestrutura urbanas, sendo essas regiões atrativas para altos investimentos e de grande intensidade de capital. Porém, nos Espaços Opacos as modernizações e as políticas públicas não chegam, apesar de seus habitantes participarem da lógica que move a cidade enquanto trabalhadores de baixa qualificação e/ou desempregados. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 264). No caso carioca, o “Espaço Luminoso” representa a Gávea e o “Espaço Opaco”, representa a Rocinha.

Mesmo que as dificuldades façam parte do cotidiano dos moradores da Rocinha, eles continuam a resistir por melhores condições de vida. É necessário desenvolver medidas para diminuir as disparidades sociais para que, com os desdobramentos dessas ações, se possa ter uma sociedade mais justa e igualitária. Investimentos públicos precisam ocorrer nos espaços opacos, especialmente em áreas básicas, como saneamento, saúde, segurança e educação. Além disso, é essencial que as Universidades Públicas permaneçam presentes nas regiões mais vulneráveis levando informação aos mais carentes e levando ao Governo as demandas da população.

#### 4. Conclusões

Várias ações de políticas públicas podem ser implementadas para melhorar as condições de vida da população destes territórios. Conforme o estudo que foi feito pelo grupo de pesquisa sobre a história e a ocupação destes territórios, a observação *in loco* dos territórios durante a pesquisa de campo e as informações coletadas nas entrevistas, podemos destacar que as ações prioritárias se dariam no campo da educação primária, creches e saneamento, pelo lado da comunidade da Rocinha. Já pelo lado da Gávea, seria importante a criação de espaços culturais, feiras artesanais e equipamentos de recreação em praças e parques públicos que fossem inclusivos e favorecessem a integração e a convivência entre as populações dos dois bairros. Além disso, destaca-se a contribuição dos moradores entrevistados sobre quais ações podem ser feitas para reduzir a desigualdade na cidade do Rio de Janeiro. A moradora da Rocinha disse que é preciso investir na educação dos moradores da comunidade e realizar a distribuição de cestas básicas. Para o morador da Gávea é necessário que os indivíduos mais abastados se juntem à luta dos mais desfavorecidos da sociedade com objetivo de cobrar ao Estado a democratização do acesso à educação e aos serviços essenciais. Portanto, a integração dos moradores da Rocinha e da Gávea em espaços públicos possibilita a construção da luta coletiva contra a desigualdade social, permitindo também a desconstrução de preconceitos contra a população da comunidade, a transferência de renda por

meio de trocas comerciais e a valorização das diversas culturas presentes no território da Gávea e da Rocinha.



## REFERÊNCIAS

COLEÇÃO BAIROS DO RIO. **Gávea, Rocinha e São Conrado**. Editora Fraiha. Disponível em: <https://www.amagavea.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Uma-história-da-Gávea-extraído-da-coleção-Bairros-do-Rio-Editora-Fraihia.pdf>. Acesso em: 15 jun 2024.

COSTA, M. B. C. da. **Da Rocinha ao bairro operário: processo de ocupação e formação do espaço nas três primeiras décadas do século XX**. Topoi. Rio de Janeiro, 2024. /Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, UFRJ, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/bdyD-MSPFmm6qrVSq7mv4Wrc/>. Acesso em: 15 jun, 2024.

FALAROCA. **História da Rocinha**. Disponível em: <https://www.falaroca.com/mapa/historia-da-rocinha/>. Acesso em: 15 jun, 2024.

GOOGLE ARTS & CULTURE. **TV Roc Special Report with Gilberto Gil about the opening of the Casa de Cultura da Rocinha**. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/tv-roc-special-report-with-gilberto-gil-about-the-opening-of-the-casa-de-cultura-da-rocinha>. Acesso em: 15 jun, 2024.

G1 RIO DE JANEIRO. **Passarela feita por Niemeyer para Rocinha é inaugurada**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/06/>. Acesso em: 15 jun, 2024.

IBGE. **Censo 2022 e Censo 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2022> e <https://www.ibge.gov.br/censo2010>. Acesso em: 20 jun, 2024.

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (**IDEB**). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 20 jun, 2024.

OTICS ROCINHA. **40º aniversário de inauguração do CMS Dr. Albert Sabin**. Disponível em: <https://rocinha.oticsrio.com.br/2022/03/17/40o-aniversario-de-inauguracao-do-cms-dr-albert-sabin/>. Acesso em: 15 jun, 2024.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil, Território e Sociedade no início do século 21**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. 1994. São Paulo: Companhia das Letras.